

Lavinia Botelho e Brito Graduada em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Contato
laviniabotelho@
yahoo.com.br

Palavras-chave:
oralidade; trans-
crição; visualida-
de.

Keywords:
orality; transcrip-
tion; visuality.

PENSANDO IMAGEM, FALA E ESCRITA COMO EXPRES- SÕES ETNOGRÁFICAS ATRAVÉS DE ZORA NEALE HURSTON

Thought, image, and writing like the ethnographic expressions of Zora Neale Hurston

Resumo: O presente relato pretende fazer uma análise de trabalhos da antropóloga Zora Neale Hurston, tanto etnográficos quanto literários, que serviram como inspiração e referência para refletir sobre experiências próprias na pesquisa antropológica. Zora usou de diferentes recursos narrativos, linguísticos e audiovisuais para compor suas publicações e, mesmo enfrentando diversos obstáculos, construiu inúmeras possibilidades dentro da Antropologia. Discorro sobre elas neste trabalho a partir da minha pesquisa etnográfica para Monografia, em que estudei a tradição da Folia de Reis e do boi de janeiro na cidade de Rubim (MG). A transcrição de entrevistas e músicas foi um dos pontos principais em que pude traçar uma conexão com o trabalho de Zora, ao pensar sobre a conservação da oralidade na escrita, que está presente nos textos da autora e no meu. Além disso, a utilização da visualidade também foi algo presente nas pesquisas da autora e que considero muito importante, sendo abordada neste relato.

Abstract: *This report intends to make an analysis of works of the anthropologist Zora Neale Hurston, both ethnographic and literary, that were taken as inspiration and reference to reflect about my own experiences with anthropologic research. Zora used different narrative, linguistic and audiovisual resources to compose her publications and, even when facing many barriers, built multiple possibilities within Anthropology. I speak about these in this paper through the ethnographic research for my monography, in which I studied the tradition of "Folia de Reis" and the "boi de janeiro" at the town of Rubim (MG). The transcription of interviews and songs was one of the most important points that I could find connections to Zora's work, thinking about the conservation of orality in the writing, that is present in both the author's texts and mine. Besides that, the use of visuality was also something present in the author's researches and that I find very important, being a topic of discussion in this report as well.*

INTRODUÇÃO

Zora Neale Hurston é uma autora negra estadunidense que teve em sua trajetória o envolvimento com produções fotográficas e audiovisuais de modo bastante marcante e inspirador. Cresceu na cidade de Eatonville e viveu lá boa parte de sua vida antes de se mudar para terminar seus estudos do ensino médio e, posteriormente, ingressar na Howard University e, em seguida, na Barnard College. Lá, Zora estudou Antropologia e trabalhou junto a Franz Boas, antropólogo renomado, graduando-se em 1928 e publicando uma série de trabalhos depois, tanto etnográficos quanto literários. Em suas pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos – ou em outros lugares, como Haiti e Jamaica –, uma das características de seus trabalhos que mais se destacou para mim foi sua forma de descrição da realidade, seja por meio de suas próprias palavras, ou ao transcrever algo que foi dito por seus interlocutores. Produzindo textos de diferentes formatos, a autora conseguiu expressar suas pesquisas de uma forma muito mais diversa e ampla do que se fosse limitada apenas à etnografia clássica realizada na época.

Assim, dentro da etnografia, o modo como Zora realizava sua escrita tinha a marca própria da antropóloga, ao preservar o contexto e as características da fala daqueles presentes em sua pesquisa. Em Olualê Kossola: As palavras do úl-

timo homem negro escravizado (Hurston, 2021a), ela fala sobre a vida de Kossola ao ser escravizado e levado da África aos Estados Unidos no navio Clotilda, que seria o último navio a traficar africanos escravizados para o país. Zora conhece seu interlocutor e, com o passar do tempo, se aproxima dele, construindo uma relação de amizade em que conseguem se entender melhor. Assim, ao longo do livro, ela insere seus diálogos com Kossola, mantendo a oralidade dele na transcrição e, através disso, conseguindo trazer suas emoções e expressões de maneira mais próxima da realidade, como nos trechos em que ele fala de quando consegue sua liberdade: "Depois qu'eles liberta a gente, você m'entende, a gente muito feliz, a gente faz tambor e bate igual no solo da África. Meus conterrâneos chega da plantação do capitão Burns Meaher onde a gente está no Magazine Point, então a gente fica junto" (Hurston, 2021a, p. 77).

Basques (2019) aborda isso ao tratar do modo como as conversas em tom mais informal de Zora e Kossola ajudam a compor o formato do texto, não só aproximando os dois, mas também se tornando próximo dos leitores, além de trazer um retrato mais fiel da realidade, sem filtros e edições para adequar a escrita àquilo que é esperado.

Zora Hurston não ocupa a posição de 'redatora ausente' ou de 'escritora fantasma'. Sua

presença no texto se evidencia na apresentação de questões que servem de contraponto à narrativa, como se ambos estivessem a conversar diante de um público de leitores. Por essa razão, as palavras de Kossola aparecem inscritas em uma oratura própria e não foram submetidas às convenções da linguagem acadêmica ou erudita. O que favorece a expressão da escrita de um corpo, de uma condição e de uma experiência negra, como na 'escrevivência' de Conceição Evaristo (2008) (Basques, 2019, p. 319-320).

Em um de seus livros de ficção, *Seus olhos viam Deus*, Hurston (2021b) apresenta falas completamente no "*black folk english*"¹, usando da linguagem como ferramenta para enriquecer seu texto e compor sua história e o contexto ao redor dela. Assim, os diálogos são parte chave da construção da história e são todos feitos seguindo essa variação linguística, ajudando a contextualizar um pertencimento ao mesmo lugar, usando de expressões e figuras de linguagem compreendidas entre os personagens, como no seguinte diálogo:

- Eu num tô pensando em nenhum desses. Nem tô ligando pra aqueles hectare de terra. Podia pegar um e jogar por cima da cerca todo dia e nem olhar pra trás pra vê onde caiu. Sinto a mema coisa com o Seu Killicks, também. Tem gente que num foi feito pra ser amada, e ele é um.
- Por quê?
- Porque eu detesto como a cabeça dele é tão cumprida de um jeito e tão chata dos lado, e aquela manta de banha na nuca.
- Num foi ele que fez a cabeça dele. Cê fala muita besteira (Hurston, 2021b, p. 35).

É possível notar, então, uma preocupação da autora com a utilização e valorização de diferentes formas de fala e escrita que incluem mais pessoas, principalmente aquelas que ela pesquisa.

Em meu trabalho de conclusão de curso de Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – em que tratei sobre o boi de janeiro da cidade de Rubim, em Minas Gerais –, usei da transcrição para tentar passar a forma original como algumas músicas são cantadas e as marcas de oralidade de meus interlocutores. O boi de janeiro é uma tradição que ocorre junto com a Folia de Reis na cidade e que era realizada por dois grupos: os Coquis e os Pé Roxo (Grupo Terno das Estrelas). Ambos os grupos tinham pessoas que se fantasiavam de boi e saíam fazendo apresentações pelas ruas da cidade, mas o boi dos Pé Roxo deixou de sair há alguns anos. O boi dos Coquis sai atualmente e possui vários personagens, como a Maria Manteiga, o Véio, a Lobinha de Ouro, o Bate-na-cara, além de ser acompanhado pelas pastorinhas e pelos foliões.

As músicas são uma parte de extrema importância da tradição, compondo as apresentações do boi pelas noites e sendo cantadas por todos aqueles que o acompanham. Assim, seguindo as transcrições originais das músicas presentes

no livro *Folias da Cultura: Memórias de Percurso* (Dutra, 2015) e no texto *O boi de janeiro na folia de Reis dos Coquis: Relações (im)possíveis com as práticas escolares* (Dutra, 2021), trouxe-as também para o meu trabalho, procurando proporcionar uma visualização do boi de janeiro para além de apenas minhas próprias palavras ou imagens, mas diretamente daquilo que é apresentado e produzido por eles. Uma das músicas marcantes do boi que trago em minha monografia é a do "Véio":

Einvém o veio, pessoal, einvém o veio.
Subindo a ladeira, 'scorando na bengala, seu fação na cintura, subiando a noite inteira.
O veio einvém, ele já chegou.
Pra brincar com Maria Manteiga, foi Isnaldo quem mandou (Dutra, 2015, p. 75).

Junto a transcrição dessa e de outras músicas, conto minha experiência ao acompanhar as apresentações do boi recentemente, comparando também ao meu contato no passado com a festividade – por ser algo que acompanho desde criança, pois acontece na cidade da minha mãe. Essa proximidade com a tradição me permitiu usar das memórias e daquilo que conheço sobre o lugar para descrevê-lo e, assim, trazer meu ponto de vista (Haraway, 1995). A possibilidade de tratar sobre assuntos e lugares conhecidos e vivenciados, de uma maneira narrativa como Hurston (2021b) traz em *Seus olhos viam Deus*, me faz acreditar que tal proximidade não faz com que haja uma perda da neutralidade, mas sim uma maior conexão e cuidado com aquilo que se escreve sobre.

Outro traço de sua escrita que se destacou para mim foi a descrição etnográfica que se mistura com poesia e literatura de forma lúdica no livro *Tell my Horse* (Hurston, 2008). Ao falar sobre a Ilha La Gonave do Haiti, Zora usa da história local sobre sua origem, das crenças da população e de sua experiência indo até lá para compor um relato muito bonito, detalhado e tocante sobre o lugar, sem se limitar por uma descrição objetiva. Quando Zora usa do etnográfico na literatura, e da ficção e ludismo na produção etnográfica, ela abre portas para a criatividade e para o acesso e interesse de mais pessoas para aquilo que é pesquisado academicamente. Através das imagens, vídeos, músicas, entre outros, é possível entender e perceber muito mais que por apenas um texto distanciado e dito "neutro", mas não é sempre que damos a mesma oportunidade a diferentes meios de produção.

Nesse sentido, decidi usar as fotografias que fiz do boi de janeiro dos Coquis durante meu trabalho de campo, junto às transcrições que realizei ou coletei de outras fontes em minha pesquisa, para compor ilustrações que representam de forma diferenciada e subjetiva aquilo que é vivenciado nessa festividade.

Zora, além de realizar trabalhos visuais à frente do seu tempo, inspirou autoras que seguiram seu exemplo, como Sara Oliveira, que fez as colagens presentes na coletânea *FIRE!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston* (Erickson; Bös-

¹ Também conhecido como "*African American Vernacular English*", é uma variedade linguística do inglês norte-americano usada por parte da comunidade afro-americana nos Estados Unidos por gerações, tendo se desenvolvido a partir da chegada dos africanos escravizados ao país e se mantendo até os dias atuais como forma de reivindicação de identidade e luta contra estereótipos.

chemeier, 2021), refletindo ilustrativamente o que os textos passam. A partir dessa referência, fiz colagens digitais em cima das fotos feitas para meu trabalho, usando trechos das músicas cantadas pelo grupo do boi de janeiro dos Coquis, que foram transcritas em Dutra (2015, 2021). Pelo fato do boi dos Pê Roxo não sair mais, não pude fotografá-lo e não existem muitas imagens dele; por isso, fiz um desenho de um antigo registro para ter também sua representação neste trabalho. Junto a esse desenho, coloquei um trecho da entrevista que pude fazer com Loloica (Emanuel), antiga participante do boi dos Pê Roxo, em agosto de 2022.

Assim, me inspirei em Zora para tentar produzir algo mais criativo e que ilustrasse a forma como as pessoas envolvidas na minha pesquisa de fato se expressam, indo além da minha descrição, mas com uma representação mais visual e lúdica dessa tradição tão importante na cidade. Serão apresentadas a seguir essas imagens.



Figura 1. Boi de janeiro dos Coquis. Fonte: Autoria própria

Na Figura 1, aparece o boi de janeiro pelas ruas de Rubim, acompanhado das pastorinhas com suas saias de chita e os foliões tocando seus instrumentos, ambos com adornos de penas de pavão e seguidos pelo público que os acompanha. Busquei destacar as cores e movimentos presentes na imagem, que são detalhes muito marcantes do boi de janeiro.



Figura 2. A Lobinha de Ouro. Fonte: Autoria própria

A Figura 2 mostra a Lobinha de Ouro andando com sua cabeça mecânica de zebra – sempre presente em sua performance –, usada para assustar as crianças na rua quando abre e fecha ao som de sua música, transcrita na imagem. No momento da foto, ela faz sua apresentação e anima todos aqueles que estão em volta, batendo palmas, acompanhando seu ritmo e cantando.



Figura 3. O Vêio e a Maria Manteiga. Fonte: Autoria própria

A Figura 3 conta com a Maria Manteiga e o Vêio, dois personagens que dançam juntos em sua apresentação – “brincando”, como diz a canção –, mas também têm momentos separados, em que a Maria Manteiga dança sozinha e o Vêio corre com sua bengala e seu facão atrás das crianças na rua. A apresentação deles sempre foi uma das minhas favoritas por ter essa interação entre ambos e envolver muito o público nas brincadeiras, se tornando um momento conjunto em que acontecem improvisos e surpresas.



Figura 4. A pastorinha e o boi. Fonte: Autoria própria

Em certo momento da apresentação, cada uma das pastorinhas conduz o boi de janeiro pelo círculo formado pelo público – inclusive a rainha, presente na Figura 4, com seu vestido branco, diferente da saia de chita das outras pastorinhas, e levando uma coroa na cabeça. Em algumas das performances que eu assisti e fotografei para o trabalho, foram incluídas algumas crianças das casas onde o boi se apresentava, de modo que

elas acompanhavam as pastorinhas, segurando o boi para rodar pelo círculo e tornando-se também participantes da performance.



Figura 5. Boi de janeiro dos Pé Roxo. Fonte: Autoria própria

A última imagem, a Figura 5, representa o boi dos Pé Roxo, que saía acompanhado apenas das

pastorinhas e foliões. Junto ao desenho está uma parte do depoimento de Loloíça sobre o que o boi de janeiro representa na Folia de Reis, mostrando como também estaria ligado à cena do nascimento de Jesus, fazendo parte da tradição natalina para aqueles que comemoram.

Por fim, ao valorizar diferentes formas de expressão e descrição dos contextos pesquisados – com sua escrita poética e subjetiva, além de explorar uma variedade de meios para compor seus trabalhos –, Zora Neale Hurston me inspirou de diversas formas. Como foi apresentado ao longo do texto, usei de contextos e pesquisas que eu já vinha trabalhando há algum tempo, mas pude ter um novo olhar ao ter contato com os trabalhos da antropóloga. Seu modo de fazer etnografia era muito à frente de seu tempo e não foi tão valorizado em sua época, mas pôde possibilitar, no presente, formas inovadoras de escrita, fotografia e audiovisual para todos aqueles que se permitam conhecer essa grande autora e antropóloga, buscando uma ciência que saia dos padrões estabelecidos como clássicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASQUES, M. Diários de Antropologia Griô: etnografia e literatura na obra de Zora Hurston. **Revista Antropológicas**, Recife, ano 23, v. 30(2), p. 316–326, 2019.

DUTRA, Alba Valéria Freitas. **Folias da Cultura: Memórias de Percurso**. Rubim: ONG Vokuim, 2015.

DUTRA, Alba Valéria Freitas. **O boi de janeiro na folia de Reis dos Coquis: Relações (im)possíveis com as práticas escolares**. 2021. 154 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2021.

ERICKSON, S. S. F.; BÖSCHEMEIER, A. G. E. FIRE!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston. **Ayé: Revista de Antropologia**, Acarape, v.1, n. 1, 2021.

HARAWAY, D. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7–41, 1995.

HURSTON, Zora Neale. **Tell my Horse: Voodoo and life in Haiti and Jamaica**. New York: Harper Collins E-books, 2008.

HURSTON, Zora Neale. **Olualê Kossola: As palavras do último homem negro Escravizado**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021a.

HURSTON, Zora Neale. **Seus olhos viam Deus**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021b.

SANTOS, Emanuela dos. **Entrevista I** [ago. 2022]. Entrevistador: Lavínia Botelho e Brito. Rubim, 2022. 1 arquivo mp3.